mocidade
portuguesa
feminina

SUMÁRIO

Capa: NO CABO DA ROCA — BANDEIRAS DA M. P. F. RODEANDO O CRUZEIRO

ANO NOVO... VIDA NOVA...

1.º DE DEZEMBRO

O «DIA DA MÃE»

1.ª REUNIÃO DE DIRIGENTES DA M. P. F.

O NOSSO CRUZEIRO

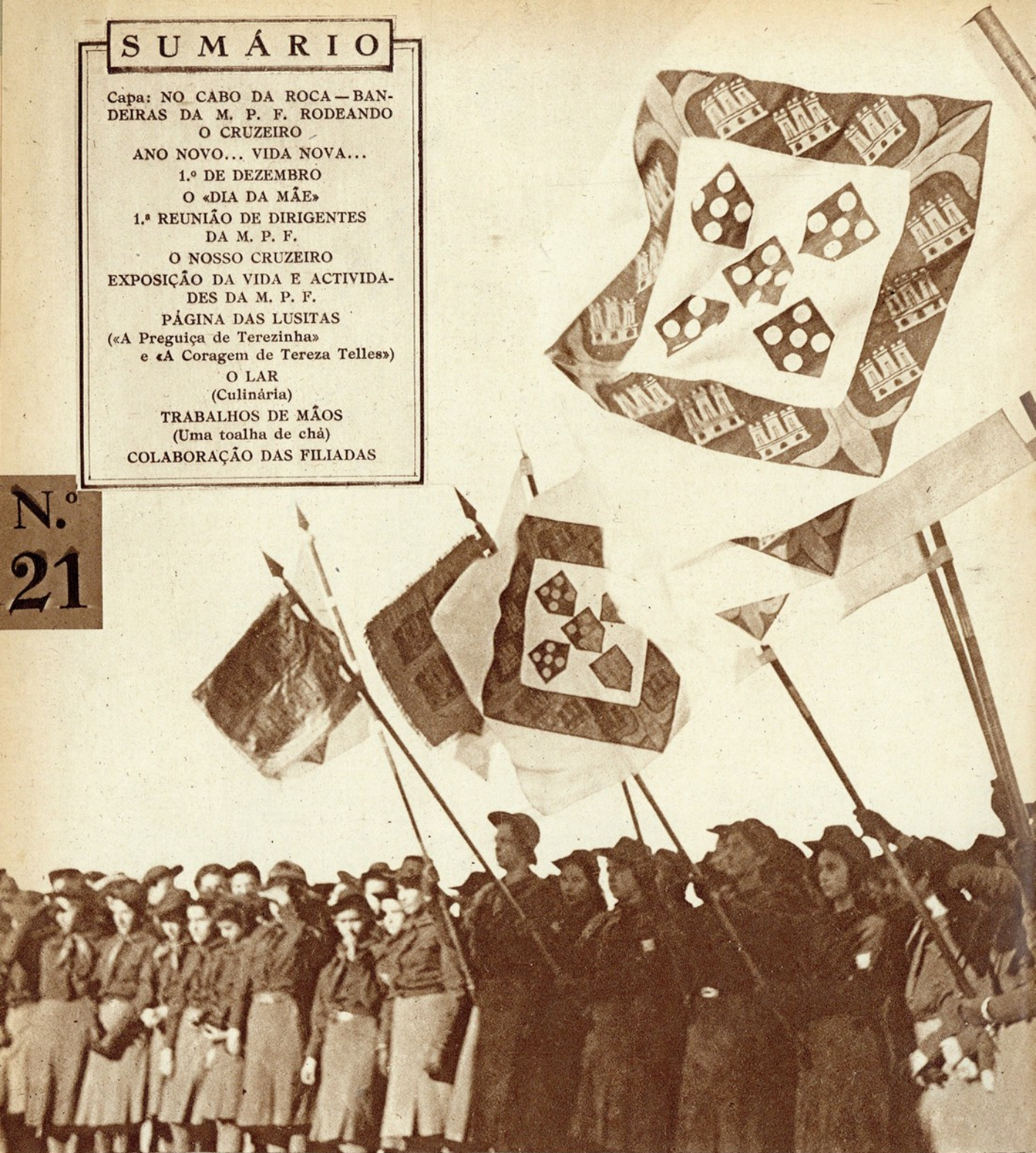
EXPOSIÇÃO DA VIDA E ACTIVIDADES DA M. P. F.

PÁGINA DAS LUSITAS
(«A Preguiça de Terezinha» e «A Coragem de Tereza Telles»)

O LAR
(Culinária)

TRABALHOS DE MÃOS
(Uma toalha de chá)

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

N.º 21

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Editora Maria Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.ºs 4 a 10 — Lisboa

Boletim Mensal ~ Janeiro de 1941 ~ Assinatura ao ano 12$00 ~ Preço avulso 1$00

ANO NOVO... VIDA NOVA...

1940... 1941... Menos um ano no computo do Tempo — e da vida também. E já aí está um ano a mais — um *ano novo* — para se acrescentar à minha vida... Quer eu queira ou não queira, terei talvez de o contar todo até ao fim: 365 dias...

Contar... Mas não se vem ao mundo para contar anos, nem para os somar sequer. Viver os anos — viver a vida é que é tudo.

Nem somar, nem dividir, nem subtrair...

Multiplicar os anos, multiplicar a vida — multiplicando as boas obras, os entusiasmos do Ideal, o fervor em viver bem, bem a valêr: heroicamente.

1941: viver heroicamente! **Heroicamente...**

Não ser parada, nem parecê-lo. Mas activas — uma conversão interior em permanente actividade: fazer-nos e refazer-nos de novo, **dentro,** até às mais fundas raízes de nós próprios...

...e dinâmicas, apostolicamente dinâmicas: **Deus, Pátria...**

1941: cheio, a alma e o coração, de Deus e de Portugal

1941: *Deus* e *Portugal.* Primeiro, Deus!

E logo a seguir: Portugal.

Viver 1941 ao serviço destes dois grandes amores — os maiores e os melhores qne poderão entrar portas a dentro de um coração de rapariga portuguesa.

1941: — Um programa.

* * *

Há muito gente neste mundo de agora a viver ao sabor das ocasiões e das circunstâncias: vivem porque os outros vivem: «Maria vai com as outras...». Não se comandam em nada, nem em momento algum. São filhas de... «o que vier, se verá». Correm atraz de si mesmas: quere dizer, dos seus caprichos e veleidades.

Não têm vontade — têm veleidades:

Não confundir *vontade* com *veleidade:* há raparigas que andam sempre a... «querer» — e nunca acabam de *querer.*

São as vítimas do **«se»** e do **«mas»...**

Quereriam «se»... não custasse; «se»... não fôsse preciso lutar; «se» não fôsse preciso vencer-se a si próprias...

Quereriam, «mas»... não haviam de ter de ceder, esmagando embora sentimentos que não estão certos; «mas»... havia de vêr-se logo a vitória dos defeitos; «mas» os outros também deveriam fazer isto ou aquilo... Cá estão elas as do «se» e do «mas». «Nunca passam de cêpas tortas»... Sempre tontas, embora sempre (dizem elas) a fazer propósitos e promessas de... serem outras.

Vontade... Veleidades...

Vontade de ser outra a valer...

E acabar com a veleidade de ser outra.

1941: Um programa heróico:

Querer ser outra a valer

Querer... ser.. outra... a valer...

Querer a sério.

G. A.

1.º DE DEZEMBRO

Se todos os anos o 1.º de Dezembro tem para os portugueses, e em especial para a «Mocidade», um acentuado cunho patriótico, êste ano, mais do que nunca, o dia da Restauração foi uma festa que fez vibrar os corações numa exaltação de fé e de amor pátrio.

1640 — 1940. O 3.º centenário da Revolução que nos restituiu a independência.

E nós que durante os meses que duraram as festas centenárias aprendemos quanto vale Portugal e com quanta dedicação o serviram aqueles que o fizeram grande, neste 1.º de Dezembro sentimo-nos verdadeiramente portugueses, isto é, capazes de dar também a nossa vida pela Pátria.

Dar a nossa vida pela Pátria não é só morrer por ela; é viver bem para com o nosso trabalho, sacrifícios e virtudes a engrandecermos. Uma Nação vive da vida dos seus filhos: crescendo com êles, se êstes são herois e santos; ou diminuindo-se e até morrendo, se êstes a esquecem ou atraiçoam.

O 1.º de Dezembro foi festejado pela M. P. F. em todo o país (à medida que nos forem chegando notícias dessas festas faremos menção delas no nosso Boletim).

Em Lisboa, a M. P. F. participou nas festas do 1.º de Dezembro depondo um ramo no monumento dos Restauradores.

Em seguida, às 9 horas da manhã, Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo de Mitilene celebrou o Santo Sacrifício na Basílica dos Mártires, que se encontrava cheia de Dirigentes e Filiadas da M. P. F..

Às 13 horas realisou-se no Eden uma audição musical em que tomaram parte raparigas e rapazes da «Mocidade».

Linda festa — tôda nossa — pois o programa foi todo executado pela «Mocidade» e a assistência também tôda à «Mocidade» pertencia: esta audição foi reservada para os Dirigentes e filiados da «Mocidade» masculina e feminina.

Linda festa em que, a cantar, se misturaram as vozes e as almas das duas «Mocidades» — que afinal é só uma: a Mocidade Portuguesa — como é só um o ideal que gravou as quinas nas suas bandeiras: **Portugal!** *Um Portugal cristão que a «Mocidade» quer servir «cantando e rindo», com a coragem e a alegria que fazem milagres.*

«Portugal a cantar» foi o nome que deram ao côro falado, entremeado de canções, em que as raparigas e os rapazes fraternalmente se juntaram.

E a «Mocidade» cantou!... Canções frescas como as águas cristalinas... Canções inspiradas como as aves que cantam o que Deus lhes ensina... Cantou bendizendo o sol... Cantou as fogueiras da noite de S. João... Cantou a faina das vindimas... Cantou a alegria do puro amor, que é a eterna canção dos corações moços! E acabou cantando as aldeias de Portugal — para, a cantar, espalhar por Portugal inteiro o seu amor!

Linda festa! Festa de arte e de patriotismo que deixou todos contentes: e só assim as festas são verdadeiras!

Festa de simpatica confraternização, que de mãos dadas pôs a Mocidade inteira a cantar: todos filhos de Portugal — todos irmãos!

DIA DA MÃI

COMO A MOCIDADE O FESTEJOU

O «Dia da Mãi», que êste ano, por uma coincidencia feliz, caíu no dia da Padroeira, foi festejado pela Mocidade Portuguesa Feminina em todo o país.

Em Lisboa a «Mocidade» reuniu-se na igreja da Conceição Velha para, como diz António Correia de Oliveira:

> «Tornar a votar a Pátria
> À quem a Pátria nos deu».

E ainda, com o poeta, podemos dizer:

> «Oh que festa linda, linda
> Creio mesmo que no Céu!»

Sim, foi uma linda festa!

No fim da missa, depois de lida por uma Filiada a «Oração da Mocidade a N.ª Senhora da Conceição», um grupo de filiadas depôs no altar um ramo de rosas brancas.

Gesto simples, mas que comoveu a todos.

Como elas ficaram lá bem, as nossas rosas, aos pés da Imaculada, coroada de estrêlas!

Estrêlas e rosas: o que existe de mais belo no Céu e na Terra.

Estrêlas — dom de Deus. Rosas — oferta de pobres... Cada um dá o que tem!

À tarde, também em todo o país, realisaram-se nos Centros exposições e distribuição aos pobrezinhos das roupas confeccionadas pelas filiadas.

Coube-me a visita a três Centros e em dois deles — nas Escolas Industriais Fonseca Benevides e Ferreira Borges — tive ocasião de assistir à festasinha que precedeu a distribuição.

Ambas as festas começaram pelo hino Nacional e terminaram pelo hino da Mocidade; depois discursos, coros, recitações; versos exaltando o amor pelas mãis e bendizendo N.ª Senhora da Conceição, a Mãi de todas as mãis e Mãi e Senhora de Portugal; por toda a parte a caridade a inspirar palavras de amor e atitudes de carinho.

Festas simples — só a estas faço referencia porque às outras não assisti, mas imagino que devem ter sido todas em Lisboa e por esse Portugal fora, animadas do mesmo espírito destas — mas festas que nos tocaram o coração, ao ver os pobrezinhos tão acarinhados pelas nossas raparigas e partindo contentes com a sua trouxinha de roupa, e ainda o pão para aquele dia e a pinguinha de azeite para o caldo, ou o assucar e o café para o almoço...

Em toda a parte alegria... Que bom que é fazer bem!

1

Distribuição de agasalhos no claustro da Sé de Évora, no dia 8 de Dezembro — *Delegacia do Alto Alentejo, Ala 1*

2

Évora — Auxiliando carinhosamente um vèlhinho que vai receber os agasalhos

3

Évora — Entregando a um vèlhinho o *presente* da «Mocidade»

1.ª REUNIÃO DE DIRIGENTES DA M. P. F.

A Comissária Nacional impondo as insígnias às Graduadas

Realisou-se em Lisboa a *1.ª Reunião de Dirigentes da M. P. F.*, na qual tomaram parte as Delegadas provinciais do Minho, Douro Litoral, Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Baixa, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve; e as sub-Delegadas regionais de Barcelos, Guimarães, Porto, Vila do Conde, Espinho, Lamego, Coimbra, Aveiro, Leiria, Santarém, Lisboa, Oeiras, Sintra, Cadaval, Portalegre, Santiago do Cacém, Alcácer do Sal, Moura, Monchique, Loulé e a Adjunta da Delegada Provincial do Baixo Alentejo; que no dia 10 de Dezembro, antes de se iniciarem os trabalhos, foram recebidas na séde do Comissariado da M. P. F. pela senhora D. Maria Baptista dos Santos Guardiola, Comissária Nacional, que lhes apresentou as suas saudações de boas-vindas, dirigindo-se em seguida todas para a séde da O. M. E. N., onde apresentaram cumprimentos à senhora Condessa de Rilvas, Presidente da Direcção.

Nessa mesma tarde, conjuntamente com as Dirigentes da «Obra das Mães», as Dirigentes da M. P. F. foram recebidas pelo Ex.mo Senhor Dr. Mário de Figueiredo, Ministro da Educação Nacional, que, agradecendo-lhes a visita, manifestou a sua simpatia e aprêço tanto pela «Obra das Mães» como pela «Mocidade Portuguesa Feminina», afirmando a ambas que, não só como Ministro, mas até pessoalmente, poderiam contar com a sua dedicação e auxílio.

Foram também recebidas pelo Ex.mo Senhor Dr. Manuel Lopes de Almeida, Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional, de quem ouviram igualmente palavras de incitamento e louvor.

No dia seguinte, as Dirigentes da Mocidade Portuguesa Feminina, continuando as suas visitas de cumprimentos, estiveram no Paço Patriarcal, onde Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca lhes dirigiu palavras que, como disse a Comissária Nacional na sessão de encerramento do Teatro Nacional, «guardamos religiosamente nos nossos corações», mas porque essas palavras são de estímulo e de bênção e levarão luz e alegria a quem as conhecer, seria egoismo guardá-las só para nós, pois não nos pertencem pessoalmente: *pertencem à Mocidade!*

Falou-nos Sua Eminência «do milagre que paira sôbre Portugal — e a Mocidade faz parte dêsse milagre».

«A M. P. F. é do melhor que se está fazendo em Portugal para a reconstituição da casa lusitana.

Há muito ainda para fazer. Mas quando se considera no caminho já andado, disse Sua Eminência, quando se vê o que já se alcançou, devemos cantar o nosso *Magnificat* de acção de graças, reconhecendo a nossa humildade, mas dando graças a Deus que faz grandes coisas e as realisa por meio de nós.

Não devemos chorar. Não gosto desta linguagem: o pêso da cruz. A cruz também é um dom de Deus. A dedicação das almas generosas alivia-nos o pêso da cruz; sois vós que tornais a minha cruz leve. De resto, a cruz é a condição da vida cristã e não há Cristo sem ela.

Há 10 anos Portugal era um país descristianizado. Ainda não atingimos o fim. Por enquanto é a escalada. Ainda não levantámos a bandeira da conquista, como o Senhor Presidente da República o fez no alto do Castelo de Guimarães. Mas não podemos largar a bandeira. A bandeira — como o fez o decepado da batalha do Toro — sustenta-se sôbre o coração, mesmo quando faltam os braços e as mãos.

A Mocidade Portuguesa Feminina é uma grande obra cristã e nacional. O que faltava a Portugal é o que êle hoje tem: uma *élite* que dá estrutura ao país».

E Sua Eminência comparou a obra de restauração social e cristã às catedrais antigas, que levavam gerações a construir, nas quais os operários trabalhavam, morrendo sem chegar a ver a obra concluída.

«Deus é o artista que traça o plano da obra; nós os seus colaboradores. Quando somos chamados a colocar a nossa pedra no edifício, não devemos preocupar-nos se somos capazes de o fazer bem ou mal, ou se veremos a obra terminada. O que importa é empregar todo o nosso esfôrço para trabalhar essa pedra o melhor que pudermos e colocá-la no lugar marcado por Deus.

Todos nós somos operários, colaboradores de Deus...»

Depois de deixarmos o Senhor Cardial Patriarca, dignou-se também receber-nos, dirigindo-nos palavras de bondade, o Senhor Arcebispo de Mitilene.

* * *

Nas sessões de estudo, que se prolongaram por 4 dias, foram tratados os seguintes assuntos:

Formação Moral e Religiosa —
Relator: Rev.º Senhor Dr. Gustavo de Almeida.

Organização dos serviços —
Relatora: Senhora D. Alice Augusta dos Santos Guardiola.

Preparação para a vida do lar —
Relatora: Senhora D. Maria Joana Mendes Leal.

Educação física, Higiene e Puericultura —
Relatora: Senhora D. Maria Luisa van Zeller.

Todas as sessões tiveram um carácter prático, tendo ficado estabelecidos princípios e sido esclarecidas dúvidas; muito havendo a esperar desta 1.ª Reunião de Dirigentes para o bom andamento da organização e para o aperfeiçoamento de tudo quanto diz respeito à formação das Filiadas.

* * *

No programa estavam também incluidas várias visitas a Centros da M. P. F. e à Obra social da Quinta da Calçada, e ainda a imposição de insígnias às Graduadas, na Séde da Delegacia Provincial. Tudo se cumpriu, mas, por falta de espaço, só nos referiremos à festa da imposição das insígnias, que teve lugar no dia 13, à noite.

Imposição das insígnias às Graduadas. Um aspecto da sessão. Em continência ao hino da «Mocidade Portuguesa»

Estrêlas e laços de flores enfeitavam a sala do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho onde se realisou a sessão: «estrêlas» e «laços» iam ser colocados na farda das graduadas.

Cincoenta e quatro raparigas passaram perante a Comissária Nacional, com um aprumo cheio de simplicidade e distinção, recebendo entre palmas o seu distintivo de *chefes*.

Festa singela, mas com aquele encanto que dá a tudo o ardor juvenil da «Mocidade».

Em palavras vibrantes de convicção e simpatia, falaram às Graduadas, expondo o sentido da festa e dando-lhes os seus conselhos, as Ex.mas Senhoras: D. Alice Augusta dos Santos Guardiola, Delegada Provincial da Mocidade Portuguesa Feminina na Estremadura; D. Maria Luisa van Zeller, Comissária Adjunta da Mocidade Portuguesa Feminina e Condessa de Almoster, Vice-Presidente da Obra das Mães pela Educação Nacional.

Queriamos transcrever para aqui tudo o que as oradoras disseram, mas é impossível!

Comcerteza as suas palavras ficaram gravadas no coração de todas aquelas que as ouviram e sentiram o grande amor que nessas palavras transbordava e a grande confiança que a «Mocidade» deposita nas suas Graduadas.

Por fim, a fechar a festa, o côro falado: *Ser Graduada*, em que, em volta dêste tema — «ser como estrêlas no céu a iluminar e a guiar, ser como o fogo da montanha a encaminhar e a aquecer e ser como a luz da casa a dar alegria» — as Filiadas proclamaram alto o seu ideal.

O NOSSO CRUZEIRO

Ao escrever estas linhas tenho pena que as palavras traduzam tão mal o que o coração sentiu tão bem!

Gostaria de fazer chegar a tôdas as Filiadas da M. P. F. a comoção e a alegria com que nós, as mais felizes, assistimos à bênção do Cruzeiro da Mocidade.

Mas é tão impossível descrever o que foi o encanto da cerimónia realizada no Cabo da Roca, como é impossível fazer irradiar desta página o sol radioso que lá nos aqueceu e alegrou!

Deus quis participar da nossa festa e deu-nos o que só Ele poderia dar: uma manhã luminosa, pura, deslumbrante, uma destas manhãs em que parece que o mundo acaba de ser criado e nós mesmos começamos a viver, tanta bondade e tanta alegria andam no ar e nos corações!

A viagem de Lisboa para o Cabo da Roca já foi uma viagem de alegria. Nas 12 camionetes, em que seguiam 500 filiadas da Mocidade e algumas das suas Dirigentes, cantava-se e ria-se.

Manhã de milagre. Milagre nas almas tocadas de graça, milagre de Deus em Portugal: a erguer Cruzeiros na paz do Senhor!

A' beira dos caminhos—não sei se seria também milagre... —campos brancos... como se sôbre êles tivessem caído do céu flocos de neve ou pétalas de rosas!

Campos floridos, surprêsa que nos encantou nesta manhã de Dezembro, doce como uma manhã de primavera.

Antes de chegarmos ao Cabo da Roca os nossos olhos procuravam já descobrir o Cruzeiro. Numa volta da estrada, avistei-o por momentos: a cruz branca que o remata pareceu-me uma pomba no azul! Permita Deus que a minha visão corresponda à realidade e o nosso Cruzeiro seja a pomba branca da paz a pairar sôbre Portugal!

Ao chegar, corremos para êle. E' simples o nosso Cruzeiro, obra de inspiração e de arte de Cotinelli Telmo. Uma rústica e forte coluna de pedra, da côr da terra, encimada por uma cruz de mármore branco: um braço de Portugal erguendo a cruz — esperança única!

Em baixo, uma lápide também de mármore branco com o distintivo da M. P. F. e esta legenda:

aqui
«onde a terra acaba e o mar começa»
a «Mocidade Portuguesa Feminina» lança ao céu o seu grito de fé.
1140 — 1640 — 1940

A cerimónia também foi simples.

Entoada a «Mocidade lusitana», o Senhor Arcebispo de Mitilene benzeu o Cruzeiro, rodeado de numerosas bandeiras e guiões, que, agitados pelo vento, pareciam viver e aplaudir.

Glória a Cristo Rei! cantou o côro, e num crescendo a «Mocidade» aclamou o Rei eterno, Aquele a quem tôda a honra e glória são devidas: Viva! Viva!! Viva!!!

Momento de emoção. A Comissària Nacional e uma Filiada depuzeram ramos de rosas brancas aos pés do Cruzeiro, seguindo-se-lhes Delegadas das provincias que ali deixaram também flores que vieram de todo o Portugal.

A seguir, a senhora D. Maria Baptista dos Santos Guardiola pronunciou o seguinte discurso, que temos pena de não poder reproduzir por inteiro, pois êle contém tôda a *alma* da festa, mas a falta de espaço não no-lo permite.

Raparigas da Mocidade

E' já realidade uma das vossas mais queridas aspirações!

Perante a imensidade do mar, bem pequeno em face da grandeza infinita de Deus, tendo por cenário a serra escalavrada que nos circunda, no meio dêste silêncio comovedor e recolhido onde só chega o bramido das ondas, acabais de levantar nos vossos débeis braços a cruz de Cristo Redentor, a dizer a Portugal e ao Mundo inteiro, nesta hora de lutas, de ambições, de ódios e de sangue, quando outras cruzes querem opor-se àquela Cruz bendita, que, contra tudo e seja o que for que o futuro vos reserve, vós as raparigas da Mocidade de Portugal quereis manter-vos fieis ao grande ideal de Fé e de Amor, de Paz e de Beleza, de que a Cruz ali erguida é a primeira e a mais forte expressão!

Aqui... onde a terra acaba e o mar começa, a Mocidade Portuguesa Feminina lança ao Céu o seu grito de Fé, diz a inscrição gravada naquela lápide.

E' pois um grito de Fé que vós viestes hoje aqui lançar.

Fé em Cristo e na sua misericórdia infinita, no seu Poder Divino que há-de salvar e engrandecer ainda mais a nossa querida Terra Portuguesa; Fé na acção dos nossos Governantes que ao leme do Estado, pioneiros da Vontade Divina, hão-de conduzir-nos através o mar proceloso em que o mundo se debate ao pôrto do nosso destino imortal; Fé no ressurgimento do Ideal Cristão, depois do Mundo se ter purificado pela dor, depois de reparadas, pelo sofrimento de tantos a imoralidade e a perversão de que se tornara culpado.

. . . .

Hora de fidelidade e amor é esta hora que viveis. Que ela não seja atraiçoada! Fazei do vosso peito uma muralha, onde, como lá em baixo, as ondas do mar de encontro aos rochedos, venham quebrar-se as paixões, as mentiras, os ódios em que a humanidade se debate; e dos vossos corações um santuário de amor, amor que aqueça, amor que ilumine, amor que se propague e faça de Portugal inteiro um braseiro enorme a conduzir e a mostrar aos outros povos o caminho do Bem, da Verdade e da Luz!

Raparigas da Mocidade!

Dai graças a Deus por viverdes nesta hora de engrandecimento da nossa querida Pátria e realizai com generosidade a parte que vos cabe no ressurgimento de Portugal!

Tôda a «Mocidade» ali presente tenho a certeza que respondeu baixinho, no seu coração: *Amen — Assim seja!* às suas palavras.

Falou depois o senhor Arcebispo de Mitilene, que pronunciou um hino de amor ao mar, de louvor à Cruz, de glória aos nossos antepassados. de acção de graças a Deus, fazendo passar aos nossos olhos — na visão do mar que contemplávamos — tôda a história de maravilhas que é a história de Portugal.

E fazendo-nos recordar também quanto Portugal deve à Cruz, à sombra da qual nasceu, cresceu e se fez grande, disse: Tôdas as nossas vitórias têm o esplendor da Cruz e se depois da hora da humilhação e do opróbrio Portugal poude ressurgir, foi porque Portugal voltou ao caminho da Santa Cruz. E se é de novo de prestígio e de glória a hora que estamos vivendo, é porque a Cruz é de novo o estandarte real de Portugal!

E terminando: «Filiadas da Mocidade: feliz ideia a vossa ao virdes erguer aqui o vosso Cruzeiro, em frente do mar que é metade da nossa história. Esta Cruz fica a gritar que Portugal é e contuará a ser sempre cristão!

Que a vossa vida fique sempre ao serviço de Cristo, o que será pô-la ao serviço da honra, do bem e de tôdas as virtudes. Trazei sempre a cruz sôbre o peito e no vosso coração e ajudareis a reconquistar espiritualmente Portugal!»

Com o hino da «Mocidade Portuguesa» e vivas e palmas terminou a festa.

Começa a debandada. Deixo-me ficar para trás com saüdades. Os meus olhos prendem-se ao mar, tão sereno que parece ter-se calado para se ouvir mais alto *o grito de fé da Mocidade Portuguesa Feminina.*

Lá em baixo, junto aos rochedos, manchas de espuma branca fazem-me pensar em arregaçadas de flores que o mar viesse desfolhar aos pés desta ponta, de terra sagrada, transformada num altar onde fica erguido o Cruzeiro da M. P. F.!

Descendo duma camionete no Cabo da Roca depois duma viagem de alegria.

... bênção do Cruzeiro

Bandeiras e corações ao alto!

Uma filiada colocando um ramo de flores aos pés do Cruzeiro.

A Exposição da Vida e Actividades da M. P. F.

V

A Exposição da Vida e Actividades da M. P. F., que esteve aberta no Secretariado de Propaganda Nacional do dia 10 ao dia 15 de Dezembro e que Sua Ex.ª o Senhor Ministro de Educação Nacional se dignou inaugurar, caracterisou-se pela sua simplicidade, mas nessa simplicidade esteve precisamente o segrêdo do poder sugestivo da Exposição.

Simplicidade nas ornamentações: mas simplicidade de bom gôsto, que é a verdadeira arte e distinção.

Simplicidade na documentação: mas simplicidade que falava alto e sinceramente.

Quem visitou a Exposição decerto ficou a conhecer melhor a M. P. F.

Àqueles que lá não foram, convidamo-los a dar uma volta pelas salas, através das páginas do nosso Boletim.

Tôda a reprodução é imprefeita, mas enfim... sempre se ficará com uma ideia.

O que é a *Mocidade Portuguesa Feminina*?

É uma organisação nacional que deverá abranger tôda a juventude portuguesa, mas como a sua criação é recente, ainda não foi possivel organizá-la em todo o país, nem completamente onde já existe.

Estão fundadas 10 Delegacias com um total de 304 Centros (fig. I).

O número de Filiadas é actualmente de 38.350, agrupadas em *escalões*, segundo a idade (fig. II).

Como todas as organizações, a M. P. F, tem a sua hierarquia, isto é, uma série de pessoas com poderes de direcção, subordinadas umas às outras, e de que as funções se combinam para um determinado fim.

O mapa que publicamos (fig. III) indica a hierarquia da M. P. F.

Só assim, cada um no seu lugar e todos trabalhando sob a orientação superior da Comissária Nacional, a M. P. F. poderia conservar a pureza do seu espírito ao mesmo tempo que multiplica as suas actividades.

Uma organização, para ser perfeita, exige ordem, mesmo sob o aspecto material. A Exposição apresentava-nos os elementos que contribuem para os serviços da organização: impressos, ficheiros, etc: (fig. IV).

Mas a M. P. F. é um organismo vivo, não se limita a numeros e papeis: tem a sua vida e as suas actividades de que fotografias nos davam aspectos flagrantes.

Trabalhos manuais — economia doméstica — canto coral — formação nacionalista. (fig. V).

Ginástica — puericultura — formação moral e religiosa — culinária — formação cultural.

Todas estas formas de actividade da organização e de meios de formação de Filiadas se desenrolavam perante os nossos olhos, traduzindo-nos em imagens o ideal da *Mocidade:* que procura dar à rapariga portuguesa uma educação completa, preparando-a para a vida no lar, cultivando as suas virtudes, enriquecendo o seu espírito, aumentando a sua alegria e cuidando também de sua saúde — sem a qual não há alegria perfeita!

Um interessante gráfico mostrava a devisão destas actividades segundo os *escalões* (Lusitas, Infantas, Vanguardistas e Lusas) e das Escolas de *formação* (chefes de Quinas, chefes de Castelos, chefes de Grupos e chefes de Bandeiras).

Um outro quadro (fig. VI) recordava as Colónias de Férias do verão de 1939, por onde passaram 500 filiadas de todo o país.

Mas se é já muito o que se faz, muito resta ainda por fazer.

Numa das paredes via-se um quadro com êste titulo: *Projectos* (fig. VII).

Nem tudo se pode conseguir num dia; não chega o tempo, faltam dirigentes e escasseiam também recursos materiais. Mas o ideal não se deve diminuir, e, antes de poder ser realisado, tem de ser sonhado...

A «Mocidade» sonha com *Cursos de formação das Dirigentes, Alargamento dos cursos de formação das várias actividades, Desenvolvimento da Economia doméstica etc.* E ainda com a *Organização das operárias, Organização das rurais, Jardins de infância, Cursos de enfermagem, Bibliotécas*, etc.

Eis alguma das suas aspirações,

No centro da sala estavam expostos alguns trabalhos manuais das Filiadas, todos tão bonitos que não podemos distinguir nenhum...

VI

ERA UMA VEZ...

A PREGUIÇA DE TERESINHA

Meninas!—exclamou Mariana, a irmã mais velha dum rancho de pequenas entre seis e doze anos —vejam lá se esquecem que para a semana é dia de festa cá em casa!

—Os anos da Mãi! —gritou Teresinha.

—E o que havemos nós de dar? —perguntou Domingas, scismática.

—Eu tenho dinheiro no meu mealheiro; vou comprar uma caixa de sabonetes—declarou Rosa com ar importante.

—A Mãi, aprecia mais, muito mais, qualquer trabalho feito por nós—tornou Mariana—e eu já acabei o meu centro de mesa há que tempos.

—Eu ando a bordar um pano a ponto de cruz—disse Teresinha —mas está tão atrazado ainda... —e Teresinha suspirou.

—Pudera, a menina é uma mandriona...—observou Domingas.

—E tu já sabes o que dás, Domingas? —perguntou Mariana. Domingas baixou a cabeça, envergonhada.

—Então continuou a mais velha —não chames mandriona à Teresa.

—Vou comprar uma caixa de bonbons—disse Domingas, triunfante—e vou bordar uma letrasinha num lenço.

—Teresa, vê se trabalhas no teu «napperon» olha que faltam só seis dias»!—recomendou Mariana saindo da saleta.

Teresinha correu a buscar o seu trabalho; e como as irmãs não se demoraram ali, ficou a coser sòzinha, com tôda a boa vontade.

Mas d'aí a um bocado, pousou a costura; espreguiçou-se, abriu a bôca, e começou a pensar em várias coisas, deixando o trabalho esquecido no colo.

—Tenho de pedir outra boneca para os anos—a minha velha Marietta está sem um ôlho. Que maçada a Domingas não me dar o carrinho da boneca dela! E' lindo! Mas já se vê que não dá; isso! Nem emprestado quanto mais dado... A Bolota ontem ficou zangada comigo, por causa do jôgo da pulga,—deixá-lo. Que bom que é poder estar sem fazer nada! O meu paninho é tão aborrecido..

De repente... olhou para o naperon: faltava bordar dois cantos ainda!

Lentamente, com pouca paxorra, Teresinha recomeçou a coser.

No dia dos anos da mãi, infelizmente, quando as irmãs apareceram com as suas prendas embrulhadas em papel de seda e atadas com lindas fitas, Teresinha, envergonhada, só poude mostrar o «napperon» por acabar; e a mãi, beijando-a, murmurou-lhe ao ouvido:

—Foi a preguiça com certeza que te não deixou acabar o trabalho, minha filha! olha que se te não emendas, ela toma conta de ti para sempre!—Teresinha calou-se, desconsolada.

—Mãisinha — disse Mariana —deixa-me ir amanhã à Trafaria comas primas? temos de estar prontas às oito da manhã, sem falta.

—Deixo, queridinha, deixo.

—Que bom!—exclamam tôdas

—Hei-de pôr o despertador para as sete—declarou Mariana.

Mas na manhã seguinte, quando o despertador tocou o rancho acordou saltando da cama, contentíssimo.

Teresinha virou-se para o outro lado, e murmurou, com voz ensonada:

—E' cedíssimo ainda; para que havemos de levantar-nos uma hora antes?

E num meio sono delicioso foi-se deixando ficar; por mais que as outras, já lavadas e penteadas, a chamassem em altos gritos.

Levantou-se, enfim, e correu para a casa de banho.

A's oito em ponto estavam as primas à porta e, com elas, Mariana, Domingas e Rosa.

—Não se pode esperar pela Teresa: perdemos o vapor—declarou a mademoiselle das primas, e sairam, deixando a preguiçosa ainda por pentear num vale de lágrimas. Correu ao quarto dos pais e, entre soluços, queixou-se:

—Podiam ter esperado por mim! Que más!

Eu que tanto queria ír à Outra Banda! Oh Mãi, que pena que tenho!

Mas a mãi, abraçando-a, respondeu:

—Olha, Teresinha, esqueces ainda desta vez, que a culpa é sempre a tua feia preguiça! No dia dos meus anos foi a preguiça que te impediu de acabar o trabalho; hoje, foi a preguiça que te não deixou levantar a horas! Não vês que é uma vergonha? Não te lembras que a preguiça é um dos sete pecados mortais?

—E' o único que eu tenho, Mãi...—chorou Teresinha.

—E já basta!—concluiu a mãi, beijando-a—faze-me agora já uma promessa especial, queres?

—O que é, Maizinha?—perguntou Teresinha, através das lágrimas.

—Diz com fôrça: eu quero vencer a preguiça!—Teresinha repetiu, gravemente: eu quero vencer a preguiça!—E a Mãi acha que eu não torno a ser preguiçosa??!

—Olha, meu amor, a preguiça é o Mal; a vontade de a vencer é o Bem: então hás-de deixar que (Mal vença em ti o Bem?!

Teresinha gritou, já consolada de ter perdido o passeio à Trafaria:

—Há-de vencer o Bem, Mãizinha! e a preguiça... acabou para sempre!

Depois disso, quando Teresinha se sentia invadir pela preguiça, lembrava-se da promessa feita à mãi... E, como se uma fôrça a empurrasse, vencia alegremente a indesculpável molesa; e sentia-se radiante com a consciência do dever cumprido! Muitas vezes, mais tarde, preguntava Teresinha às irmãs:

—Lembram-se do tempo em que eu era preguiçosa?

E tornou-se, graças à sua fôrça de vontade, activa como poucas!

por Maria Paula de Azevedo

A CORAGEM DE TEREZA TELLES

(Vida agitada duma família portuguesa na América)

Passadas sete horas de corrida ininterrupta, o carro parou sùbitamente. E Tereza, ainda meia inconsciente, ouviu um dos homens preguntar:

— É aqui?

— É aqui — respondeu o outro.

O «chauffeur», que era o próprio Tregor, deitou água no motor e disse:

— Às 17 horas e meia deve passar o avião do Ruby na Ponta Vermelha; o petiz é atirado no pára-quedas.

Tereza voltava a si a pouco e pouco, mas simulou ainda o desmaio, para tentar saber, ouvir, pensar... Era da boa e rija têmpera portuguesa: corajosa, forte. E continuou a ouvir:

— Já sinto ao longe o zumbir da avioneta. Não sentes, Joey?

— Vou aplicar a minha T. S. F. — interveio Allan Tregor, tirando do carro o pequeno aparelho.

Dali a pouco, estava em comunicação directa com Ruby, o bandido-pilôto da avioneta.

— Está a voar muito alto — disse Tregor.

— É aborrecido — resmungou Joey.

— Vai seguir em direcção ao mar — continuou Tregor.

— Tudo transtornado, então. A não ser que êle deite o petiz ao mar...

— Que disparate colossal se tal fizer! — interveio o outro homem — Lá se vai o resgate e tudo se fez para nada, com risco... da cadeira eléctrica!

— E a ninfa, estará acordada? — tornou Joey, olhando para Tereza e sacudindo-a.

— Não lhe toques! — gritou Tregor — Essa garota é muito precisa!

— Ninguém a come, bruto. Mas ninguém me tira da idea que foi tolice grossa meter-mos uma rapariga neste negócio... — resmungou Joey.

— Ainda hás-de ver que te enganas e que a portuguesa nos há-de prestar bons serviços: ela é que há-de olhar pelo petiz.

Tregor calou-se sùbitamente e escutou o seu aparelho. — O Ruby diz que vão seguindo até Ponta Vermelha...

— Ainda são mais quatro horas — disse Joey.

— Cuidado passagem. Ponte vigiada policia! — continuou Tregor escutando e repetindo a comunicação.

Recomeçaram a longa viagem, desta vez em silêncio.

Tereza voltara complètamente a si; continuou, porém, de olhos fechados, e deixou-se ficar imóvel, enquanto o carro seguia sempre numa louca carreira. Entravam agora numa aldeia e Tregor abrandou a velocidade; tinha de tomar gazolina para o motor, a paragem ia ser forçada.

— Estava de certo prevista — pensou Tereza com lucidez, visto que, apenas o carro parou, logo dois homens acorreram e, em silêncio, começaram o seu serviço.

Então Tereza abriu os olhos, tentou levantar-se; não conseguindo libertar-se das cordas que lhe prendiam as mãos uma à outra, Allan Tregor carregou-lhe no ombro e resmungou, em inglês:

— Alto lá, nada de tolices, Miss.

— Senão, temos aqui um brinquedo — concluiu Joey, encostando à testa de Tereza o cano frio dum revólver.

— O que querem fazer de mim? — preguntou a rapariga, com o olhar fuzilante.

— Isso depende da sua boa vontade, Miss Telles! — respondeu Tregor, troçando.

— Não me deixam, ao menos, dar notícias à minha gente? — tornou Tereza, desta vez com uma tremura na voz.

Os dois bandidos trocaram um olhar; por fim, Joey declarou, encolhendo os ombros:

— Não faltam ondas curtas ou compridas que transmitam ternuras e asneiras sem dizer donde vão...

Tereza estremeceu: a T. S. F.! Não seria pior, ainda, para o pobre pai, ouvir-lhe a voz sem lhe poder valer?...

E como era incerto, improvável, mesmo que o pai ou o irmão se lembrassem de esperar as notícias dela pela telefonia... Porém tudo tentaria e exclamou com fôrça:

— Quero falar pela T. S. F.!

Allan Tregor agarrou-lhe um braço e disse-lhe brutalmente:

— Eu nem compreendo por que lhe faço a vontade, ouviu? Você é a minha prêsa, ouviu? E já ninguém a pode tirar das minhas garras, sabe? Preciso de si; pronto.

Teresa sustentou o olhar tôrvo do bandido e respondeu, serena:

— Neste momento estou nas suas mãos; mas não ficarei nelas muito tempo.

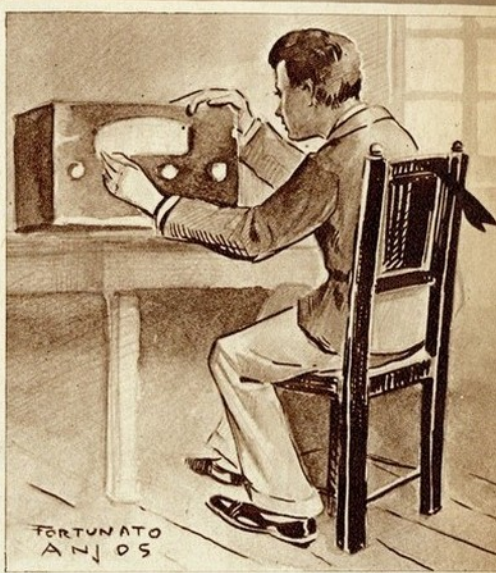
Era tão extraordinária esta declaração da parte da pobre vítima, que nada tinha para se defender, que os homens desataram a rir grosseiramente. E Tregor, pondo o motor em marcha, disse:

— Vamos ao posto de T. S. F.; estamos tão longe de Cleveland que não há perigo que nos apanhem nem que descubram de que lado falamos. Mas oiça bem, Teresa Teles: o browning fica encostado à linda testa enquanto falar ao papá! Livre-se de dizer mais do que umas palavras de amor! E para o mano não vale a pena... Não deve estar em casa...

Esta última frase foi dita num tom tão estranho e intencional, que Tereza, com o coração apertado, ainda preguntou:

— Não está em casa o Manuel?!

Mas Tregor não respondeu; pôs, de novo, o motor em marcha e o carro seguiu até ao primeiro pôsto de T. S. F., onde chegou de noite.

— Pai, estou de saúde!... — gritou Teresa, em português, junto ao microfone; e logo a seguir, sem dar tempo a mais nada, o torpedo embrenhou-se pela larga estrada, através da noite escura.

CAPÍTULO III

Aquela noite que o infeliz Jácinto passou sòzinho, com o filho na prisão, acusado dum crime nefando, e a filha roubada por um bandido, foi, na verdade, tão horrível, que só um espírito profundamente religioso e forte poderia ter resistido.

Mas o pobre homem, depois de se deixar cair sôbre a mesa, chorando convulsamente, pensou de repente:

— Se eu lhes falto, coitadinhos dos meus filhos, quem olhará por êles? Quem tentará salvá-los?

E foi uma especie de chicotada no seu desalento.

A prisão de Manuel, que vergonha!... E quem sabe se já a T. S. F. falava no rapto do rapaz Rosing? Dirigiu-se ao aparelho e ligou a tomada. Era um pequeno Emerson, com que, justamente, Manuel o presenteara, quinze dias antes.

O locutor falava havia já meia hora; e claramente soou agora a notícia do desaparecimento da criança. A situação do banqueiro era brilhante em Cleveland, e por todo o Estado de Ohio era conhecido e estimado o seu nome.

A voz na telefonia continuava, alongando-se em minúcias:

Que a criança fôra entregue por uma rapariga nova e estrangeira, sendo tudo premeditado pelo irmão, operário português muito conhecido no bairro de St. Charles, em Cleveland, e que a policia o prendera já.

Jacinto tapou os olhos com as mãos e corria a desligar o aparelho da tomada quando estacou, atónito e impressionado:

Ao aparelho soava, de repente, como um grito de angústia, em português bem claro:

— Pai, estou de saúde!

Era a voz de Tereza, era o grito do seu coração de filha, a sossegar a alma aflita do pai. Donde viria a voz adorada?

Jacinto, então, fez calmamente os seus planos:

(Continua no próximo número)

O LAR

Filiadas que cosinharam e serviram o almôço oferecido a Pilar Primo de Rivera no Comissariado da M. P. F.

Temos andado a falar da *cosinha*. Vem a propósito darmos hoje a ementa dum bom almoço. Será a do almoço cosinhado e servido pelas Filiadas quando Pilar Primo de Rivera esteve em Portugal — e que todas achámos ótimo!

EMENTA

Hors d'œuvre
Linguado recheado com camarão
Ovos *Mignon* com molho de tomate e alcaparras
Pain de veau com fios de ovos e fiambre
Mousse de chocolate
(O pão também foi feito pelas filiadas)

ALGUMAS RECEITAS:

Pãisinhos de Almôço

30 gramas de fermento de padeiro.
1 ôvo — 2 colheres de sôpa de manteiga.
1/2 kilo de farinha — 1 chávena de leite.
Sal ao paladar.

Amassa-se o fermento, o ôvo, a manteiga (derretida em banho Maria), o leite onde se derreteu o sal e a farinha. Depois de tudo bem amassado tapa-se e deixa-se levedar 2 a 3 horas. Tendem-se os pãisinhos, pintam-se com ôvo e vão ao forno num taboleiro polvilhado com farinha.

Ovos Mignon

3 ovos — 1 chávena de leite — 3 colheres de sôpa de queijo Parmesão ralado — 1 colher de sôpa de manteiga e uma pitada de sal. Batem-se as claras em neve, juntam-se-lhe as gemas, o leite, o queijo ralado, a manteiga e o sal. Mistura-se tudo muito bem, untam-se forminhas de loiça com manteiga, enchem-se e vão ao forno a cozer ou em banho Maria. Fazem-se umas rodas de pão de fôrma do tamanho das caixinhas e fritam-se em manteiga.

Sôbre cada fatia de pão põem-se as forminhas já tiradas e cobre-se tudo com um bom molho de tomate e queijo.

Linguado recheado

Toma-se um linguado bastante grande, tira-se-lhe a pele, abre-se com cuidado pelo lado da barriga e tira-se-lhe a espinha. Cose-se uma porção de camarão e descasca-se. A água em que se cozeu o camarão põe-se a ferver com as cabeças e côa-se; com esta água, um pouco de leite, farinha maizena, gemas de ovos e queijo Parmesão ralado faz-se um crème bastante grosso a que se junta o camarão e uma pitada de pimenta. Põe-se êste crème numa parte do linguado, cobre-se uma com a outra e cose-se muito bem para o crème não fugir. Põe-se num taboleiro, deita-se por cima pão ralado, manteiga derretida e um bocadinho de vinho branco (ou limão). Tira-se com muito geito para uma travessa, deita-se por cima o molho passado pelo passador e enfeita-se com beterraba.

TRABALHOS de Mãos

TOALHA DE CHÁ

Esta linda toalha de chá é fácil de fazer e fica muito graciosa.

A barra e os desenhos da toalha são em azul.

As flores, azues, côr de rosa e amarelas. Os pés verdes.

As flores são feitas em ponto de sombra, se a toalha fôr em organdi ou qualquer outro tecido transparente; ou poderão ser aplicadas ou bordadas se o tecido for tapado.

Os pés são em ponto pé de flor.

NOTA : No próximo número publicaremos o desenho em ponto de cruz que nos foi pedido por uma filiada de Guimarãis.

PORTUGAL!

Luz deslumbrante ilumina a nossa querida Pátria. O nosso coração sente profundamente o doce e intenso calor que dessa Luz irradia. E qual será a alma portuguesa que não vibre, que não se inflame, que não se queime, à chama do amor do nosso querido, lindo e glorioso Portugal?

Pátria! que palavra tam sonora e doce de dizer e repetir uma vez mais e sempre. Pátria! palavra imensa que traduz tôda a nossa vida, todo o nosso sentir mais íntimo, mais nobre, mais elevado. Viver para a Pátria, amá-la entranhadamente, sofrer e morrer por Ela, se preciso fôr — norma seguida, desde tempos imemoriais pela gente portuguesa.

De olhos fitos nesse ideal de Luz que deslumbra e guia, o povo lusíada tem seguido sempre, passo a passo, o heroísmo e valentia dos tempos primitivos. Nas veias dos portugueses de hoje, corre ainda o sangue dos guerreiros fortes de Ourique, dos bravos de Aljubarrota e daqueles aventureiros heroicos que se arriscaram pela Pátria, «por mares nunca d'outrem navegados». A gente lusa não deixa adormecer os sentimentos nativos da Raça, não pode jàmais perder o calor patriótico que lhe aquece o coração. E' por isso que Portugal inteiro acaba de festejar as datas gloriosas, eternamente gravadas, em letras colossais, nos anais imorredoiros da História Pátria. Portugal não esquece, nunca poderá olvidar aqueles que por si perderam ou aventuraram as suas vidas, aqueles que o tornaram grande.

Não faltam na nossa História horas dolorosas; mas, na desgraça, sempre se depurou e fortaleceu o amor pátrio e essa chama sagrada fortificou os ânimos, revigorou os brios, dispôs para todos os sacrifícios, preparou Portugal para uma nova era de triunfos. O Portugal de hoje impõe-se ao mundo. Portugal é cada vez mais português, é dos seus filhos, dos Herois que o alargaram e defenderam, dos Santos que o ennobreceram e glorificaram, dos Sábios que o elevaram, dos Chefes que bem o dirigiram, do Povo, do bom Povo português que por Êle tantas vezes deu o seu sangue, impulsionado por um amor imenso a êste torrão bendito. Glória a todos os Grandes Portugueses, a tôda a nossa História maravilhosa!

Portugal é vèlhinho. Já vive há oito séculos e êsses «oito séculos de glória nacional», êsses oitocentos anos de feitos inenarráveis, de triunfos e de vida cristã, acabamos de celebrá-los. Portugal vèlhinho e tam môço, cada vez mais vigoroso e jovem, graças a um grande Português: Salazar!

Numa época de angústia para o mundo, Portugal, recto e leal como sempre, celebrou a sua grandeza, com simplicidade, com dignidade e justificado orgulho. A sua História, em síntese, esteve escrita em livro aberto, nesse livro de encanto e de sonho que foi a Exposição do Mundo Português. Sonho de arte e de beleza! Sonho de encanto e magia! A Exposição de Belém não se descreve. Vê-se e... sente-se. Tanta maravilha, tanta coisa nossa, fizeram vibrar de comoção a nossa alma portuguesa. Pairava no ambiente algo de indefinível. Era a arte, a beleza, o bom gôsto, a riqueza, era — nem sei dizer! — era Portugal. Um mundo nosso, bem nosso, que nos fazia vir aos olhos lágrimas de orgulho e alegria. O mais insignificante pormenor fazia vibrar até aqueles que supunham adormecido o seu coração.

«Portugal pertence ao número limitado dos povos que escreveram a história do Mundo». A Exposição foi a síntese duma civilização oito vezes secular, foi um marco miliário na vida mundial. Alguém disse que a Exposição de Belém não foi um agregado de coisas mortas, mas uma fonte de novas energias, uma exaltação à Raça Portuguesa. Na hora de dor que a Europa atravessa, Portugal, não indiferente à desventura alheia, deu uma lição de confiança em si próprio, de conhecimento da sua vida nacional e certeza da continuação futura das glórias passadas. Tudo impressionava e dominava no ambiente de grandeza da nossa «Cidade Histórica» erguida em volta do Mosteiro dos Jerónimos. Não eram pròpriamente a interessantíssima Secção Colonial, as típicas aldeolas portuguesas e respectivo documentário regional, a riquíssima Nau Portugal, as belas linhas das construções, que mais nos emocionavam; era sobretudo o interior dos pavilhões, documentos expressivos da longa vida portuguesa, que nos tocava o âmago da alma. Tam belo na sua arte, tam grande na sua simplicidade. Não pode descrever-se. A Exposição de Belém era principalmente para se vêr com os olhos da alma. Não impressionava só agradàvelmente a retina mas, ainda mais, a alma.

«Nós temos uma doutrina e somos uma fôrça» — disse o Chefe do Govêrno. Que compreendamos essa fôrça, que nos sintamos confiantes. «Portugal foi sempre cristão» — tam bela frase, encimando uma cruz envolta na luz verde da Fé e da Esperança, num dos Pavilhões. Essa fôrça de que falei vem-nos de cima, da Suma Fôrça, de Deus que abençoou esta terra tam amada, sempre cristã. Essa fôrça sã, inspirada numa doutrina sã, tem um dos principais factores na cristandade portuguesa.

Raparigas da Mocidade! Aprendemos muito na Exposição de Belém. Trouxe a História, até nós, rumores de nomes femininos. Encontrámos modelos a imitar em todas as virtudes — há santas portuguesas, há heroínas portuguesas. E na multidão anónima, quantas virtudes exeelsas não dormirão no pó do esquecimento?! Sejamos dignas dessas figuras de outrora. Não seremos santas, não seremos heroínas, mas quanto poderemos fazer pela nossa Terra amada, com o nosso modesto labor de dia a dia, preparando as nossas almas, trabalhando para bem servir. Hoje, boas filhas, boas esposas e mãis àmanhã, trabalhar sempre pela Pátria! Fóra, sem dó, as doutrinas venenosas que pretendem envilecer a mulher e anarquizar o mundo.

«Deus, Pátria Família». Sigamos e honremos êste ideal elevado e puro. Mocidade Feminina, a Pátria espera por nós. Raparigas hoje, mulheres amanhã — sempre pioneiras da Virtude e do Dever. E' preciso que a Mocidade Feminina seja digna da sua Pátria. Que todas sintamos unidas o significado da missão da mulher cristã. Agrupemo-nos em volta do Reconstrutor da Nação, do homem que à Pátria todo se deu para a salvar e engrandecer. Aprendamos com Salazar a oração do sacrifício. Sacrifícios são os alicerces da Revolução que Ele mesmo vem efectuando. Anos de realizações se passaram sob a sua mão forte e segura que Deus guia. Portugal renova-se. Nova seiva de amor pátrio circula por todo o Império. Um sol novo brilha agora no nosso firmamento, revivificando o nosso Portugal, o Portugal de Ourique, de Aljubarrota, de 1640, de gloriosas tradições. Portugal impõe-se ao respeito do mundo.

Raparigas da Mocidade! Num impulso de fé e gratidão juvenil, ajoelhemos e digamos: — «Obrigada, meu Deus».

Maria do Céu Pimentel Santos
Filiada N.º 3359 — Lusa — Centro 1 — Ala 1
Douro Litoral

Tejo abaixo, a caminho da Exposição do Mundo Português, Excursão da M. P. F. do Porto

Junto ao monumento dos Descobrimentos da Exposição

MÃI

Três letras, apenas, formam esta palavra, que tanto carinho e ternura encerra em si.

Mãi! E' a palavra, meiga e suave, capaz de fazer ceder o coração mais duro ao receber o éco da voz que lhe fala.

Mãi! E' o asilo sempre aberto para tôda a dôr, que vagueia, repelida, de lar em lar, à procura de alguém que lhe dê guarida.

Mãi! E' como o sol apetecido, nos dias frígidos do Inverno, com os seus raios de luz, dando calor e vida à terra adormecida.

Mãi! E' como o sol de Junho, forte, abrasador, tornando loiros os trigueirais, pão nosso de cada dia.

Mãi! E' como a estrêla brilhante, em noite escura, guiando o pobre camponês através dos ásperos caminhos da aldeia, em demanda da sua choupana.

Mãi! E' como o luar, belo, lindo e majestoso em maré de lua cheia, nas quentes noites de verão, que nos enche de gozo, tranqùilizando-nos com a sua mansidão tão afável.

Mãi! E' a alegria constante das avezinhas indefezas, que de ramo em ramo, de campina em campina, vão cantando e procurando o alimento.

Mãi! E' como um jardim em pleno mês de Maio, repleto de flores, de côres e formas várias, exalando das corolas odoríferas o perfume mais apreciado.

Mãi! E' como a chuva benéfica, caindo em pleno estio mansamente, animando as plantas secas, que ao recebê-la se tornam alegres e verdejantes.

Mãi! E' ainda como a linda estação da primavera, tão cheia de beleza, espalhando por tôda a parte uma imensidade de atractivos, que são alegria da natureza.

Mãi! São finalmente os corações ornados de vontade, da fôrça, da abnegação e do sacrifício, factores do amor de mãi, que nas horas mais críticas da vida procuram dar conforto àqueles que o necessitam.

Celeste de Sousa Martins
Filiada N.º 9.800 — *Barcelos*